

O AMIGO DO POVO.

PERIODICO POLITICO.

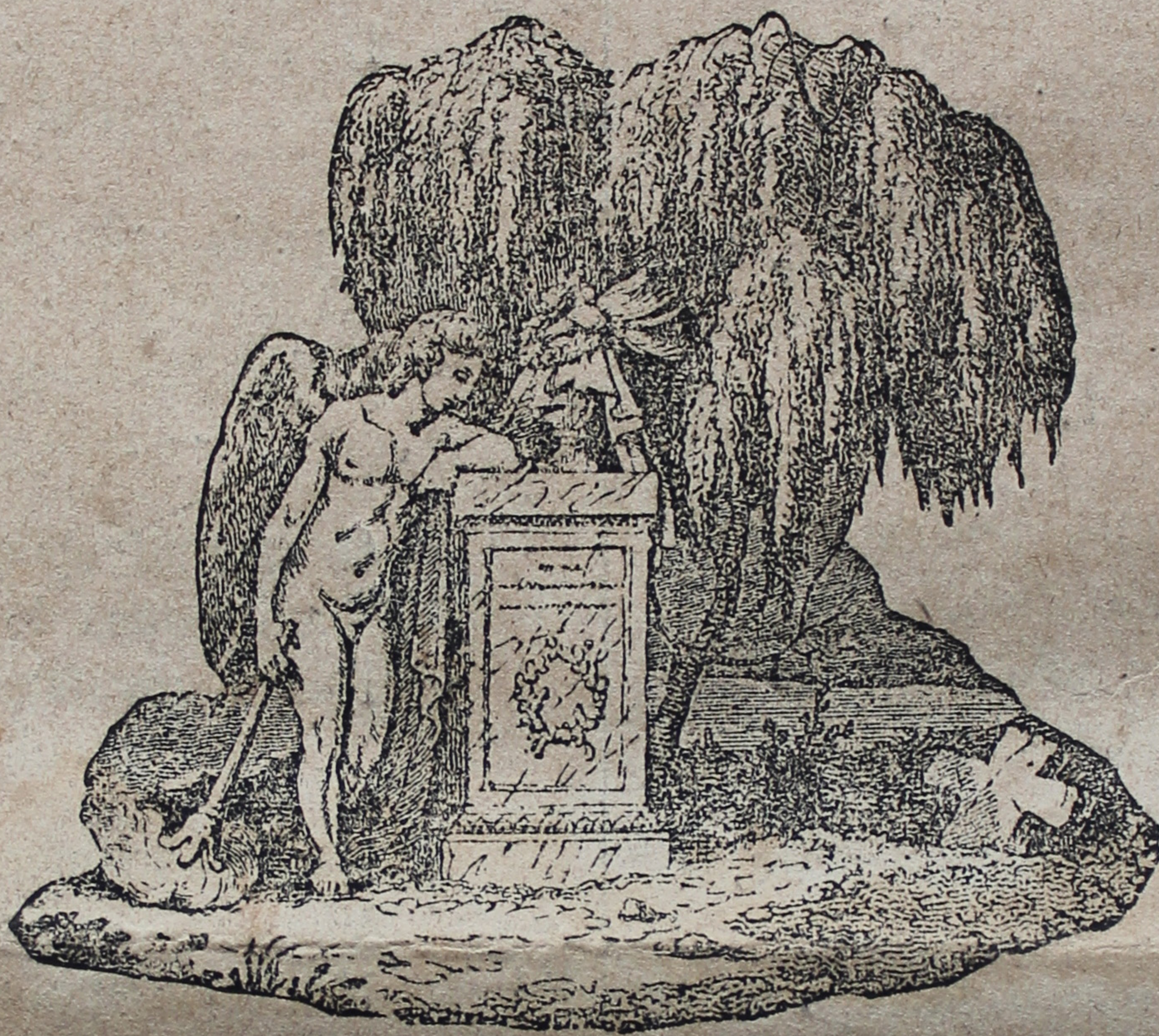
Este jornal publicar-se-ha duas vezes por mez: distribue-se gratuitamente ás pessoas pobres que souberem ler e quizerem recebel-o na typographia onde é impresso. Aceita-se assignaturas (que fica a arbitrio quanto á importancia, não excedendo de 2\$000 reis por trimestre.)

A redacção só se responsabilisa pelos artigos de fundo.

Anno I.

Theresina 2 de Fevereiro de 1869.

Numero 14



No martyrologio da liberdade, inscrevêo-se ha vinte annos o nome glorioso de um d'esses varões illustres que fazem honra á humanidade—pela corajosa independencia de seu caracter,—pela nobreza de seu coração—pelo irradiar de sua intelligencia luminosa!

Por isso, hoje commemoramos o 20.º anniversario da morte do grande patriota,—victima inulta que os Tostas e os Figueiras, sacerdotes do *druidismo* imperial, ferozmente sacrificarão, para aplacar a divina cólera do *idolo* coroado!

E' verdade! 20 annos são passados desde que o desembargador JOAQUIM NUNES MACHADO foi assassinado na cidade do Recife; sendo afinal insultado, depois de morto! . . . pelo selvagem monarchista—cujo nome não pronunciamos para que, repetindo-o, não manchemos esta pagina tarjada de preto!

Vinte annos são passados; e ainda o idolo está em pé, e ainda o sangue innocente—corre abundantemente, e ain la o sacerdote, feito hoje grão pontifice Murityba, saborêa o palpitar de novas victimas--lá nas florestas do Paraguay!

Horror!

Até quando o *Hésus* II quererá que se derrame sangue por seu respeito?

Até quando o grão *eubage* Tosta quererá ter victimas para sacrificar?

Ha 20 annos foi NUNES MACHADO a hostia escolhida para com ella aplacar-se a ira *divina*; depois d'elle, para o mesmo fim, seguirão-se os *voluntarios da patria*, os *recrutas*, os *designados*!

E' longa a serie dos martyres; mas como o sangue d'elles seja offerecido ao *idolo*, em holocausto, no tonel das Danaides,—é por isso condemnado a correr perennemente, e com a mesma abundancia que as desgraças do povo!

Mães de NUNES MACHADO! Congregai em torno de vós—todas essas infelizes victimas do *druidismo* imperial,—desde os vossos companheiros do Recife,—desde João Roma com os seus bravos de Pau Amarello—até os valentes de Itosoró e de Villeta!

Congregai-os, para clamarem vingança; congregai-os, para ouvirem, ao menos, o soluço dos compatriotas vivos,—a elegia sublime de Antonio Rangel de Torres, Bandeira.

POESIA.

Pelo Dr. Antonio Rangel Torres Bandeira.

Vinte annos já vão após o dia,
Em que na patria, á voz da liberdade,
Travou-se a lucta que legou á historia
Sublime heroicidade!

Vinte annos! periodo famoso!
E'ra de tradiçõs, era querida!
No turbilhão das gerações que passam
Não serás esquecida.

Abre-se o livro que fiel memora
De um povo liberal o zelo ardente:
N'elle se leia em traços indeleveis
A pagina eloquente.

Embora o odio parcial, mesquinho
Ouse offuscar uma inscripção solemne,
Que o povo com seu sangue alli gravára
Em pedestal perenne.

Foi grande a lucta! a idéa generosa
De resistir ao fero despotismo,
Pôde então despertar o nobre impulso
Do são patriotismo.

Já do regresso as tão fataes tendencias,
O supremo poder desenvolvia;
Houve uma agitação, mas o governo
Tyranno a promovia.

Triste systema, detestavel uso
De suffocar os brios populares!
Só querem supportar jugo aviltante
Espiritos vulgares.

A causa liberal tem seus principios,
Seus direitos d'eterna prominencia:
Nem podem vis mandões do cesarismo
Apagar-lhe a excellencia.

Quando as revoluções brotam, s'expandem,
No mundo social, o espirito humano
Procura então sondar-lhe as proprias causas,
O alcance soberano.

De ordinario, só ruge impetuosa,
No seio das nações a tempestade,
Quando o poder, no intuito de firmar-se,
Affronta a liberdade:

Quando a mão malfazeja d'algum despota
A corrupção derrama em taças d'ouro,
E, para dominar, sem custo esgota
Das graças o thesoiro:

O dia vem da popular vindicta,
E o movimento que essa idéa planta
E' instincto do povo, cujos foros
O governo quebranta.

Responsavel do mal, se algum existe,
Em conjunturas taes é quem provoca
A lucta no paiz, quem p'ra guial-o,
O povo—audaz suffoca.

Vinte annos! A lucta então se dera
Entre o poder, que a patria avassalava,
E a augusta liberdade, que seu posto
Ufana reclamava.

Pois hady a compressão perpetuo jugo
Impor ás multidões? e quem governa,
Dispõe acaso d'um paiz que é livre,
Por doação superna?

Pôde quem rege independente estado
Calcar a opinião, que é fundamento
De seu viver politico?! Execrando,
Terrivel pensamento!

Aquella agitação d'ha vinte annos
Ha de julgal-a a historia! Ind'algum dia
O que parece a muitos grave erro
—Terá grande valia.

Os que attentam na marcha humanitaria,
Nos destinos do seculo presente,
Hão de prestar áquelles luctadores
Um culto reverente.

Hão de a memoria em hymnos bemdizer-lhes,
Venerar-lhes o patrio apostolado,
E invejar-lhes até do seu civismo
O affecto assignalado.

Bello martyrologio! Como esplende
Em tanto nome de subido encanto!
Para os liberaes é elle apothese,
E' monumento sancto!

D'entre os martyres d'então, que todos eram
Nossos irmãos no popular conflicto,
Um—embora caisse—entre os mais nobres
Era um heróe invicto.

Alma romana, espirito altaneiro,
Coração magnanimo, elevado,
Intelligencia audaz... um patriota!
ERA NUNES MACHADO!

Pernambucano insigne, tribuno,
Luzeiro popular! eu te saúdo!
Mas onde estás? aonde os teus consocios?
Reina o silencio em tudo...

Eston no templo, do alaúde ás notas
Ouço casar-se um entoar plangente:
Preces echôam no recinto augusto,
Que spectaculo pungente!

A hora é triste, o coração se aperta
Em amargura intima, profunda:
Um veu negro s'estende n'este espaço,
Que o mysterio circumda!

Como é sublime esta oblação da crença!
E' o dia dos prantos, da saudade:
Seja o dia tambem em que paguemos
Tributo á liberdade.

Que nos resta na terra em que vivemos?
Com a existencia as tradições que herdamos,
Que não se perca nunca este legado,
Que sinceros guardamos.

Ao menos, seja o emblema respeitoso
Da nossa fé politica. . . Rezêmos,
Entretanto, ás memorias dos amigos,
Que ha vinte annos perdêmos.

Que podemos fazer por todos elles,
Nós liberaes, proscriptos, desterrados? . . .
Oremos pelos martyres da patria
No dia de finados. (•)

Ha trez mezes que, na cidade do Recife, foi recitado o seguinte importantissimo discurso, pelo illustrado Sr. Dr. Aprigio Justiniano da Silva Guimarães.

Vêm muito a proposito transcrevel-o hoje nas humildes paginas do « Amigo do Povo » sentindo todavia que éstas não tenham a rizeza e formosura do marmore para receber e conservar convenientemente aquellas expressões de vivo sentimento, — tão dignas do apreço da posteridade: basta porem o nome de seu autor, o illustre redactor da *Opinião Nacional*, para que o bello discurso permanêça, — apesar da fragilidade da materia em que vai ser agora reproduzido. Que o apreciem os nossos leitores:

« SENHORES. — N'este presidio da liberdade, que se chama imperio do Brazil, nós os forçados ainda temos uns dias, ainda podemos fazer umas manifestações, que nos dão ares de cidadãos de um paiz livre

Tristes alegrias!

São como os sorrisos do proscripto, que recebe novas da patria: uns sorrisos acompanhados de lagrimas da melancolia

Sim, que os pobres forçados, por mais que oc-

(•) Esta magnifica poesia, que não cansamos de admirar, foi recitada no officio funebre que o partido liberal de Pernambuco mandou fazer em 2 de novembro do anno passado, em memoria dos heróes de 1848.

O seu autor, remontou-se tanto nas azas da inspiração que, chegou a attingir a immortalidade. Na verdade, o nome illustre de quem escreve uma poesia d'aquella ordem — não pôde ficar sepultado no olvido; embora lhe falte um Mecenas; embora não ordene Augusto que se lhe conceda *officialmente* a corôa de louros.

A' opinião publica — quer dos contemporaneos, quer dos pósteros — é a quem compete graduar o merito dos Filicaias, ou dos Metastasios.

cultem a braga, sentem-lhe o peso; e se hoje riem-se, espera-os amanhã a galé d'El-Rei!

« Os manes de NUNES MACHADO, e de seus companheiros que succumbiram no movimento armado de 1848, congregam-nos uma vez por anno.

Bem hajam aquelles, que têm sabido manter esta eloquente tradição da religião liberal!

Até hoje NUNES MACHADO e seus companheiros de 1848 hão sido geralmente considerados, mesmo por sectarios da liberdade, como uns homens generosos, mas que erraram, embora a generosidade do seu erro.

D'ora á vante, porem, vai começando a historia; e os revolucionarios de 1848 vão nos apparecendo como os ultimos Abencerrages d'essa linha de varões dos tempos aureos das lutas da nossa independencia, em cujos calculos sempre entrou uma monarchia democratica, que nunca suspeitaram os desenhos, hoje tão em voga, dos boas tempos d'El-Rei Nosso Senhor.

O sophisma, que D. Pedro I. não podêra desenvolver, por mais que o tentasse, porque então ainda havia homens que soubessem olhar pelo futuro da patria, o sophisma, cujo trabalho de absorção havia recommençado em 1840; já em 1848 tinha muito caminho andado: então os cidadãos verdadeiramente patriotas viam bem claro, que a opinião de um, cercado de alguns, pretendia substituir-se á opinião do paiz, e que tentava-se firmar a pyramide sobre o vertice

Combateram e morreram; e as apupadas dos triumphadores acompanharam os mortos até a sepultura, — e os vivos até as masmorras e a terra do exilio!

O facto, porém, veio demonstrar, que com os ultimos revolucionarios do Brazil havia desfallecido a liberdade.

Hoje, *de facto*, estamos á mercê do absolutismo, que amanhã trancar-nos-ha as portas d'esta Igreja, que breve, segundo as suas ameaças claramente formuladas, supprimirá para nós a imprensa . . .

« E ficaremos por uma vez um pòvo d'escravos? A Hespanha gemeu por longos annos, sob o reinado de uma rainha louca (peior do que louca), e um dia, quando menos se esperava, nas *regiões magestáticas* soprou rijo o tufão da liberdade, contra o qual nada podem os *divinos* da terra, porque esse tufão é o sopro de Deus aviventando o fogo da dignidade humana

Do Paraguay, onde, segundo se diz, fomos plantar a arvore da liberdade, vir-nos-ha o despotismo, sob a fórma dos pretorianos de Cesar: os *signaes do tempo* no-lo dizem

Esse partido que por ahi tripudia ufano de uma victoria de reposteiro ou de cousa peor, prepara ás claras os seus golpes, e com o exercito pretenderá impor-nos o despotismo.

Tudo porém, se fará com aquelle geito refalsado

e hypocrita, q' com tanta justeza o Sr. Salles Torres Homem attribuiu a D. João VI.

O despotismo de um só rei será acobertado, fallando com lord John Russell, com o despotismo de um acervo de parlamentares corruptos, e de um milhão de tyrannetes.

« E ficaremos por uma vez um povo d' escravos ? Não desesperaram da liberdade os patriotas da Hespanha, a qual por fim teve o seu dia; pois os povos acabam sempre por ter o seu dia, contra os muitos dias dos reis ! »

Guardemos o terreno da legalidade, e a Providencia marcará para nós, como tem marcado para todos os povos, o dia da acção decisiva.

Defendamos com todas as armas legaes—da acção e da inacção, dos brados e do silencio, do facto e da abstenção, até a ultima trincheira liberal.

E quando esta nos fôr tomada, ainda não estará tado perdido, que Deus vêla pelo destino das nações.

« Rogando a Deus o descanso eterno para NUNES MACHADO e seus companheiros de 1848, reconheçamos n'elles os ultimos élos da cadeia de heróes pernambucanos.

Ultimos até hoje; mas que terão um dia continuadores, porque essa cadeia, na terra livre das Americas, nunca chegará ao termo da sua prolongação.

« Foram os ultimos Gracchos da liberdade brasileira ! »

E os Gracchos hão de produzir sempre os Marios ! »

PARTE NOTICIOSA.

Perseguição á imprensa.—O jornal « Aracaty » q' se publica na cidade do mesino nome, tem sido, já por vezes, victima da desenfreada prepotencia de uns taes Srs. *Caminhas, bons caminheiros* na estrada do despotismo e da corrupção a Pedro II.

Ultimamente, tal perseguição desenvolvêrão—que a redacção daquelle jornal liberal, que já contava 7 annos de existencia, resolvêo-se a suspender a sua publicação: « para reaparecer em tempos melhores, quando a liberdade, as leis e a constituição do Brazil—forem uma realidade. »

Quando, porém, chegará esse dia venturoso ?

Que Messias nos conduzirá do seio de Abrahão para a gloria ?

Entretanto, ficará tolhido o « Aracaty » e tolhido, quem sabe—atè quando ?

Hoje, a paralytia é a morte !

Mas, como quer que seja,—honra ao denodado campeão, cujas ultimas palavras, ao cahir sob os golpes dos sapadores reaes, forão ainda cheias d'aquella unção que torna augustos os labios do martyr, que jamais esmorece na fé.

Escravos da fazenda de Santa Cruz.—Lê-se na « *Opinião Nacional* »:—Sobre esses infelizes, de que é usufructuario o imperador,

fez a *Opinião Liberal* algumas observações, que foram respondidas no *Jornal do Commercio*, em algumas linhas sob o titulo de *Mordomia imperial*. Adoptando o mesmo titulo, a *Opinião Liberal* tem publicado uma serie d' artigos, em que se relatam os horrores commettidos contra os pobres escravos imperiaes. Taes artigos não têm recebido séria impugnação. Consta-nos que vão ser collegidos em folhetos, nas lingoas portugueza, ingleza e franceza. Muito compromettida deve ficar na Europa a fama da philantropia do nosso imperador ! »

« Questão Ramos — Cardoso Fontes. — Por causa de um acrostico publicado no *jornal do Commercio* a 2 de dezembro, e que dizia—*O bobo do rei faz annos*—o Dr. Cardoso Fontes, meio dono do *Diario do Rio*, o que significa meio dono da terra do Brasil, armou-se d'uma manopla de ferro, e seguido de belleguins policiaes foi ferir o supposto autor do acrostico—Ramos, todo ensanguentado, depois de brutalmente aggreddo em sua casa, foi recolhido á prisão *por crime de ferimentos*. Cesar não tardará em passar o Rubicon: muito espontaneamente se vão organisando as cohortes pretorianas. . . . Napoleão III processa, prende e deporta; mas, ainda não mandou espancar em desagravo seu, nem achou quem o fizesse officiosamente. . . . »

Scenas carnavalescas.—O carnaval, entre nós, este anno, promette ser bastante animado.

Os *dilettantis* estão dedicados inteiramente ao festejo; o carnaval devia t'er logar a 7 do corrente, domingo; no entretanto, já no dia 30 do passado, sabbado, pelas 10 horas do dia, um crescido grupo de figuras phantasmagoricas e grotescas percorrêrão as ruas da cidade, ao som de musica, e ao estrepito de foguetes.

Tornou-se digno de reparo o que figurava de *Urso branco*, e chamou a attenção—um q' estava a caracter de Fauno, espantadiço ou bravo. . . .

Durante a noite do mesmo dia, houve ensaios da saturnal romana !

Alinal, houve o magno baile *masqué* a 31 do passado. . . . dentro de um templo christão; havendo aliás um theatro na cidade !

Expediente.—Rogamos aos nossos leitores que nos desculpem a falta que commetemos; dando sómente um numero deste periodico, no mez passado; em compensação, daremos 3 numeros, n'um dos mezes do trimestre corrente.

Recebemos os seguintes jornaes: *Esperança* da cidade do Ytú, *Jornal da Fortaleza*, *Americano* da Cachoeira (Bahia), *Regenerador* de Nazareth (Bahia).

Agradecemos ás illustres redacções, que nos correspondêrão com tanta benevolencia.

Pelo ultimo correio, remettemos já o n.º 4 do « Amigo do Povo » que faltára na collecção que haviamos enviado á *Esperança* que, de modo muito honroso para nós, notou aquella falta.

« Depois da derrota de *Syagrio*, dispendo-se a dividir o saque, Clovis viu nos despojos: um vaso que pertencia á igreja de Reims, e que S. Remigio tinha pedido. O rei ia para lhe pegar, quando um soldado, oppondo-se-lhe, exclamou que a parte do rei devia ser tirada á sorte como a dos outros. Clovis dissimulou e entregou o vaso ao santo bispo.

« Alguns mezes depois, passando revista ás suas tropas, notou que as armas d'aquelle soldado estavam em má ordem. Arrancando-lh'as, deitou-as no chão; e, no momento em que o desgraçado se abaixou para as apanhar, par-te-lhe a cabeça, dizendo: *Lembra-te do vaso de Soissons*. Esta acção inspirou mas respeito do que horror. »

Que grande coração não era o de Clovis ! . . .

Os testas coroadas não são *vingativos*; conservão porem uma *sagrada ronha* dentro d'alma contra os profanos que ousão não idolatral-os *feticicamente*—é em se offerecendo occasião sacrificio victimas a si mesmos, com as proprias mãos *sacrosantas* !

Raça de tratantes !

« Podesse uma só nau contel-os todos

« E o piloto fosse eu . . . triumpho eterno ! »

COMMUNICADOS.

Sr. Redactor.—A 26 de dezembro corrente o barão de sedução deu uma cousa que ousarão dar o nome de baile offerecido ao Baderna, apenas comparecerão dos poucos liberaes convidados o vigario João de Souza Martins e tenente-coronel João Baptista Pereira Ferraz, e forão testemunhas oculares do que passo a communicar-lhes — Appello para a consciencia d'elles.

Houve hymnos, discursos, não só do Baderna como do Dr. promotor.

Discursos em baile, V. S. e o publico dirão, é caçuada: mas qual, não se admire; foi alem: havia uma salla que chamavão reservada na qual entravão todos, e nessa salla o barão de sedução furioso como um possesso, para mostrar ao Baderna quanto elle valle, quanto elle é audás, e quanto elle é poderoso foi á vida privada de familias muito distinctas e calumniou, e disse couzas que se não o conhecesse bem de perto diria que elle estava com alguma dose da optima altona.

Se o Baderna não fosse tão depressa desta cidade veria que os que o cercavão, com as poucas excepções, não passavão de finos intrigantes; e pelo que deixou de ser visitado pelos liberaes por causa dos espoletas que trazião e levavão.

Muito obrigado será a V. S.

Seu constante leitor.

Leonel.

Oeiras, 27 de dezembro de 1868.

Piracuruca, 1.º de fevereiro de 1869,

Sr. Redactor.—Quem não tem vacas *que parem garrotes*, não pode, nem deve envolver-se nos negocios publicos do seu paiz ! Assim se pensa, cá por estes longiquos sertões da America Turca.

Me falle com franqueza.

Diga-me se esta sentença é producente—por que a ser, esta será a—cassula.

Aqui se tracta, que já está organizado o projecto para a emancipação de escravos, e a gente do poder parece não sympatisar muito com esta causa.

E' triste porem, e repulsivo, para um coração liberal e philantropico—ver ainda escravidão no Brazil, esse imperio civilisado—que Cabral sellou com as armas do christianismo !

Deos permitta que, a despeito da repugnancia dos homens da ordem, o Brasil cicatrise essa chaga moral de sua sociedade.

Eu já me ia estendendo, esquecendo-me de que não possuo uma gata, e que por isso me é vedado escrever para o publico.

Sahirá daqui o professor Leocadio, o qual vio-se na amarga contingencia de pedir sua remoção para uma cadeira inferior !

Não obstante ser Turco, comtudo não servia bem aos homens do poder, ou para melhor dizer—ao homem—por que aqui tem muitas pessôas distinctas, porem um só *deos* verdadeiro . . .

Não pode por tanto, o Sr. Pinheiro, usufruir as delicias da actualidade !

Aprendeo á sua custa.

E' bom moço, e por isso mesmo não serve.

Tem de substituto o—Zé felix—não—obstante faltar-lhe idade e habilitações ! Esse sim é do peito, e isto basta, e tudo suppre. Adeos, conforme sua resposta verei em que fico.

Seu companheiro de proscricção

O Grego Velho.

Note bem.—OPorcolino está escrevendo pasquins.

Bom officio lhe estão ensinando. Que tenha bom proveito. Logo colherá os fructos dos grãos que está semeando.

O mesmo.

O Dr. Tropeiro do « Diario de Pernambuco, hoje morador em Valença, vendo que todos os meios postos em pratica por seu fucturo sogro—o cordeirinho modesto—para aquisição de votantes, erão baldados, lembrou-se de uma nova invenção. No dia 22 de janeiro passado, convidando o alferes Norberto de Castro e Silva, para votar com os conservadores, a Eugenio de tal, e este respondendo que só votava com os liberaes, perguntou o dito Dr., que então se achava presente: « Norberto, os 60 recrutas que o governo pedio de Valença são tirados, na occasião da eleição, do povo que vier, e não havendo solteiros devem ser inteirados com os cazados, não é assim ? O alferes talvez soffressé repugnancia em